

Avaliação da aprendizagem em rede: limites e possibilidades

Marilza de Oliveira Santos¹, Sidnei Hubert dos Santos²

Resumo

Esse trabalho visa apresentar os limites e possibilidades da avaliação na Educação à distância, a partir das práticas discursivas dos/as alunos/as e professores/as do curso de Pedagogia de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. Os teóricos Sacristan (2000), Zabala (1998), Hoffman (2003; 2005) Luckesi (2005), Esteban (2002), Perrenoud (1999), dentre outros, ajudam a pensar essa temática e a contextualizá-la em um processo de reflexão sobre a prática pedagógica. Adotou-se a metodologia do estudo de caso e utilizou-se da teoria do Dialogismo Bakhtiniano para análise dos dados. Os resultados mostram as percepções dos/as estudantes sobre o processo de avaliação e as possibilidades de um diálogo na prática avaliativa.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Prática social. Dialogismo.

1 Doutora em Ciências da Educação, Uminho/Reconhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais; Mestrado em Educação (UNINCOR); Especialização em Psicopedagogia (CEPEMG); Especialização em Direito Civil e Processual Civil (Newton Paiva, Graduação em Psicologia (Newton Paiva), Graduação em Pedagogia (Newton Paiva), Graduação em Direito (Newton Paiva), Teóloga (FAERPI).

2 Graduado em Pedagogia (UEMG), Especialização em Educação Ambiental e Mestrado em Educação Tecnológica (CEFET). Coordenador pedagógico; professor do Curso de Graduação em Pedagogia (UEMG- presencial, EAD); pesquisador CNPq; professor da Pós-Graduação Lato Sensu; professor de 1º e 2º ciclos da PBH; Coordenador do Programa Escola Integrada. Avaliação Legislação Educacional.

1 Introdução

Esse artigo visa apresentar os limites e possibilidades da avaliação na Educação à distância, a partir das práticas discursivas dos/as alunos/as e professores/as do curso de Pedagogia de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. Para compreender o processo avaliativo nas escolas, especialmente no ensino superior de um curso a distância precisamos não só olhar as atividades propostas para o processo de ensino-aprendizagem com especial atenção, mas também possibilitar um diálogo entre os sujeitos do processo, isto é, entre os /as professores/as, alunos/as e tutores/as, que mediam o ambiente de trabalho. Como nos revela Bakhtin (1995, p. 41) as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações, em todos os domínios.

Nesse sentido, tomamos a linguagem como discurso e interação no processo avaliativo, entendendo que a linguagem enquanto discurso, não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou de pensamento, mas é interação, e é também um modo de produção social. Sendo assim, é lugar de conflito ideológico.

Entender esse contexto possibilita aos sujeitos da Educação a Distância (EaD) uma compreensão do conceito de discurso que Bakhtin (2002, p. 88-89) formula, ao dizer que “discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto.” Todo discurso, segundo o autor, se constitui de uma fronteira do que é seu e daquilo que é do outro. Esse princípio, na teoria de Bakhtin (2002) é denominado dialogismo.

Os enunciados docentes e discentes que serão analisados neste trabalho resultam de uma pesquisa realizada com 5 docentes e 50 universitários do Curso de Pedagogia na modalidade Educação a Distância (EAD), da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) sobre o processo de avaliação.

Pensar na avaliação em EaD significa refletir que a avaliação é um procedimento importantíssimo dentro do processo pedagógico, devido a sua possibilidade de projetar possibilidades e menos reflexões sobre

o ensino-aprendizagem, no sentido de viabilizar práticas de inclusão dos sujeitos, considerando que a avaliação é um momento de encontro e diálogo entre os/as docentes e discentes/as. Neste encontro os alunos/as adquirem confiança em si e são estimulados a buscar novos conhecimentos, ampliando a visão de mundo, e os professores/as podem refletir sobre suas práticas pedagógicas e transformá-las. Ao avaliar a aprendizagem, em um processo contínuo e a partir de uma avaliação formativa, ambos avaliam o ensino.

Esse trabalho estrutura-se, portanto da seguinte forma: além de uma introdução, apresenta-se uma contextualização teórica e metodológica sobre as concepções que amparam as análises. Em seguida, aborda-se o conceito de avaliação na perspectiva de vários autores, fazendo uma análise dos dizeres dos/as professores/as e alunos/as universitários/as da EaD/FaE/UEMG/UAB, a partir de categorias advindas do aporte teórico bakhtiniano, seguida de considerações finais.

2 Referencial teórico

A partir deste momento são apresentados os referências que embasam este trabalho, como os estudos de teóricos que tratam da linguagem e da avaliação educacional.

2.1 O dialogismo bakhtiniano

A linguagem na abordagem Bakhtiniana é uma prática social. A língua é compreendida como um processo de evolução permanente, constituído pela interação verbal, realizada através da enunciação, que segundo Bakhtin (1986) e a sua verdadeira essência.

Toma-se o termo dialogismo nesse artigo como “princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso. Conforme mostra Bakhtin (2008, p. 207) o discurso é “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”.

Ao descrever o discurso de outrem, Bakhtin (1986, p. 144) afirma que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre enunciação”. Revela, portanto que cada sujeito imbricado em seu meio social é permeado pelos discursos que o circundam. Cada pessoa é um híbrido, uma arena de conflito e confrontação dos vários discursos que o constituem, sendo que cada um desses discursos, ao confrontar-se com os outros, busca exercer uma hegemonia sobre eles.

A partir essa concepção teórica toma-se como aspecto a ser considerado na avaliação em EAD a existência de uma relação entre os sujeitos onde os discursos se configuram como resultado de um processo ensino-aprendizagem pautado pela dialogia. Entretanto, os dados coletados apontam possibilidades e limites dessa interação, devido a falta de um maior contato presencial com os /as docentes, tutores/as e entre os/as discentes.

O percurso metodológico para constituição do corpus a ser analisado, estabeleceu-se pela abordagem qualitativa, por meio de entrevistas online. Para analisar os dados escolheu-se uma abordagem da análise de discurso. Tais dados foram selecionados com base na concepção de eventos, isto é, recortes discursivos de uma situação de enunciação. Como evidencia Geraldi (2004):

A responsabilidade abarca, contém, implica, necessariamente a alteridade perante a qual o ato responsável é uma resposta. Somos cada um com o outro na irrecusável continuidade da história. Buscar nos eventos, nas singularidades, nas unicidades dos atos desta caminhada como se realizam as “respostas responsáveis” é um modo de reencontrar os deslocamentos imperceptíveis na construção continuada dos valores dos sentidos que regem, mas que se fazem e se desfazem na existência. (GERALDI, 2004, p.229).

As considerações da teoria de Bakhtin (2003, p. 280-289) são importantes por três motivos: Primeiro para demarcar-se o processo de avaliação inserido no campo da linguagem como discurso, como interação social. Neste sentido a pergunta que o/a docente deve se fazer é: o que se avalia, para que se avalia, quem se avalia? Segundo, para trabalhar a questão dos limites e possibilidades da interação avaliativa

entre os/as professores/as e os/as alunos/a, mediada pela atuação dos tutores e tutoras, no ambiente AVA e no processo de aplicação de provas nos encontros presenciais, pois nesse espaço de interação com o outro se nota que o enunciado desempenha um papel fundamental na constituição do significado da avaliação, que integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. E terceiro, para descrever a importância da interação na prática avaliativa em EaD, considerando que no processo de avaliação tanto os/ professores/ as quanto os/as alunos/as são avaliados/as. Mas quando se fala em avaliação, o que se pensa?

2.2.Avaliação: o que é?

Em uma tentativa de pensar novos conceitos de avaliação, pode-se lembrar de teóricos que dizem que partem de uma perspectiva conceitual ampla, dentre eles Hernández (1998, p.94) diz: “entende-se por avaliação a realização de um conjunto de ações encaminhadas para recolher uma série de dados em torno de uma pessoa, situação ou fenômeno, com o fim de emitir um juízo sobre o mesmo”. Nesta perspectiva Zabala afirma que:

Quando na análise da avaliação introduzimos a concepção do ensino e a aprendizagem como referencial psicopedagógico, o objeto da avaliação deixa de se centrar exclusivamente nos resultados obtidos e se situa prioritariamente no processo de ensino-aprendizagem, tanto do grupo/ classe como de cada um dos alunos. (ZABALA, 1998, p.198).

Hoffman (2000, p. 17) revela que avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que “nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e, acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção do conhecimento”. Neste contexto, avaliar é dinamizar oportunidade de autorreflexão, num acompanhamento permanente do professor que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas.

A avaliação de alunos/as evidencia segundo Sacristán (2000, p.303) que ao avaliar se está “diante de” uma prática profissional nada simples, em cuja realização há várias operações envolvidas, já que consiste num processo de aquisição, elaboração de informações e expressão de um julgamento a partir da informação coletada”.

Nesse contexto, Perrenoud vai afirmar que:

A avaliação é uma representação, construída por alguém, do valor escolar ou intelectual de outro indivíduo. Inscreve-se, em uma relação social específica, que une um avaliador e um avaliado. Na realidade essa relação une em geral mais do que duas pessoas, já que o avaliador é o agente de uma organização complexa, em nome da qual avalia, enquanto que o aluno faz parte de uma turma e pertence a uma família, estando esses dois grupos, por razões diferentes, envolvidos pela avaliação de seus membros. Dizer que a avaliação se inscreve em uma relação social é uma maneira de dizer que não se pode abstrair o conjunto dos vínculos que existem entre o avaliador e avaliado, e através deles, entre seus respectivos grupos de pertencimento. Equivale também a dizer que a avaliação deve ser concebida como um jogo estratégico entre agentes que têm interesses distintos, até mesmo opostos. (PERRENOUD, 1999, p. 57).

Mas o que significa avaliar? Avalia-se para quê? Quais os limites e possibilidades da avaliação em um processo de ensino a distância, na formação de professores e professoras?

É importante partir da concepção de que em todo processo pedagógico todos os sujeitos do processo ensino-aprendizagem precisam ser avaliados, e não apenas os/as alunos/as. Pensar no processo de avaliação dos docentes traz em evidência lembranças da fala de, quando trata do ensinar e aprender. Diz o autor:

Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 2000. p. 27).

Sabe-se que no ensino à distância, é no ambiente virtual (AVA) que os/as educandos/as, por meio das atividades propostas pelos/as docentes, fazem a experiência do conhecimento, mediados pelos/as tutores/as. Assim, tanto os/as professores quanto os tutores avaliam o processo de aprendizagem dos/as estudantes. E enquanto dialogam, em redes virtuais, mestres- tutores e aprendizes, tríade perfeita, se reconhecem como coautores/as do aprendizado, pois conforme revela Freire (1979, p.15) “o diálogo autêntico, reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro, é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum”.

Nesse contexto, segundo Luckesi (1995, p. 28), tanto a avaliação educacional quanto a avaliação dos processos de aprendizagem, são meios e não fins em si mesmas. Estão, portanto, “delimitadas pela teoria e pela prática que as circunstancializam”. O autor compreende assim “que a avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica” (LUCKESI, 1995, p. 28).

3 Análise dos discursos discentes e docentes sobre avaliação: limites e possibilidades na EaD

Segundo Bakhtin (2003), a linguagem é uma prática social. Ao veicular concepções de mundo, a linguagem torna-se não só um lugar de conflitos ideológicos, mas também de interação. Conforme Bakhtin (1992, p. 95) nos revela “na realidade, não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas coisas boas ou más, importantes, ou triviais, agradáveis ou desagradáveis”. A avaliação pode ser um processo vivenciado de forma agradável ou desagradável para os/as estudantes, no que concerne tanto à sua concepção, quanto aos resultados e as formas avaliativas no processo de educação à distância. Se por um lado “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial” (Bakhtin, 1992, p. 95), a avaliação também expressa esse sentido ideológico, pois sua elaboração perpassa pela concepção ideológica dos/as professores/as, do que seja avaliar. Toma-se nesse momento a concepção de avaliação

de Luckesi (2005, p. 69) que vê a “avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão”.

A partir da amostragem de discursos docentes e discentes sobre avaliação, analisa-se os dados a partir de duas categorias: dialogismo, inacabamento.

Dialogismo

Verificamos nos discursos discentes e docentes que as concepções que os/as estudantes e professores/as têm as ideias mais variadas possíveis. Nota-se uma multiplicidade de vozes, com nomes fictícios, que buscam definir o que seja a avaliação. Desde considerá-la como uma ferramenta, interação, processo, medida, ação pedagógica formativa, até como defini-la como uma prática adotada no ensino presencial e à distância para acompanhar a aquisição de conhecimentos individuais.

Aluna Maria: É uma ferramenta para verificar se houve mesmo aprendizado, através das leituras dos textos e nas realizações das atividades.

Professora Marta: A avaliação deve ser contínua, processual, com interação entre professor e aluno, privilegiando, especialmente, aspectos qualitativos, de construção, para além dos aspectos quantitativos.

Aluna Sebastiana: Na minha opinião, o processo de avaliação à distância fica muito preso somente ao conteúdo de livros e documentos, por vezes antigos (não desmerecendo-os), e esquece-se de nos colocar um pouco mais em contato com os professores das disciplinas.

Professora Sandra: A definição de avaliação está contextualizada na concepção de educação adotada no processo de ensino e aprendizagem seja na modalidade presencial ou a distância. Identifico-me com a concepção sociointeracionista que define a avaliação como uma ação pedagógica formativa e contínua para acompanhar a aquisição de conhecimentos individuais e em atividades grupais/colaborativas, com o objetivo de rever se as intervenções e procedimentos didáticos utilizados no curso estão adequados. Assim a avaliação tem diversas dimensões, que permitem rever os processos formativos utilizados.

A opinião da aluna Sebastiana descrita acima faz lembrar o que diz Esteban quando afirma que:

A avaliação, na ótica do exame, atende às exigências de natureza administrativa, serve para reconhecer formalmente a presença ou ausência) de determinado conhecimento, mas não dispõe da mesma capacidade para indicar qual é o saber que o sujeito possui ou como está interpretando as mensagens que recebe. Tampouco pode informar sobre o processo de aprendizagem dos estudantes ou questionar os limites do referencial interpretativo. (ESTEBAN, 2002. p. 100).

Aluna Joana: Algumas avaliações são pouco consistentes. Grande parte são resenhas ou resumos de textos que são muito abrangentes. Por isso algumas vezes não conseguimos extrair a essência do conteúdo como deveríamos.

Pensar a avaliação como a expressa pelos docentes lembra uma ótica de exame, onde o instrumento utilizado são provas ou atividades que não estimulam a busca de conhecimento e ampliação da visão de mundo. Avaliando-se a aprendizagem avalia-se também o processo de ensino. Nesse contexto, o que os/as discentes apontam deve levar os/as docentes a se questionarem sobre a forma como as atividades estão sendo propostas. Que metodologias estão sendo utilizadas na EaD? Serão as mesmas adotadas em um curso presencial? Como pode isso, considerando que as tecnologias da comunicação possuem diversos meios que possibilitam uma aprendizagem mais prazerosa e consequentemente um processo de avaliação do tipo formativa; um processo avaliativo que se pautar por um diálogo entre os sujeitos, permitindo aos professores/as acompanhar, não só acompanhar a construção do conhecimento dos/as alunos/as mas também o desenvolvimento da autonomia e cada um dos/as estudantes?

Apontamentos sobre a Avaliação em EaD

A ênfase no rendimento escolar ou na verificação da aprendizagem através de testes e medidas, com vistas à classificação, cedeu espaço a um processo avaliativo, notadamente no micro espaço da sala de aula,

de caráter diagnóstico e formativo, portanto processual e centrado no desenvolvimento do aluno. (LUCKESI, 1995)

Todavia, escapando da tentação de realizar uma transposição didática entre os processos avaliativos realizados na educação presencial para a educação a distância, alguns dos aportes teóricos apontados por autores como Luckesi (1995), Vasconcelos (1998, 2002), Hoffman (2003), Depresbiteris (1997), Saul (1998), dentre outros, nos dão pistas sobre como poderia ser desenvolvida a avaliação na EAD.

Primeiramente é necessário ir para além das ferramentas, máquinas, bits e pixels, e se dar conta de que do outro lado há um ser humano: com seus anseios, seus medos, suas angústias, suas alegrias, seus problemas, suas virtudes, enfim, em sua concretude. Uma vez que o docente da modalidade a distância perceba que ele não está lidando apenas com uma outra máquina, mas com uma pessoa e seus sentimentos, o primeiro passo é dado para se caminhar rumo a um processo avaliativo de qualidade. Um processo de emancipação e de promoção humana.

No âmbito da linguagem e seu papel nas interações humanas, utilizar palavras e expressões de afeto, de compreensão, de abertura ao diálogo, não se trata apenas de formalidade na relação que se estabelece com o aprendente virtual: mas humaniza as relações (bom dia; que bom que você está aqui; muito importante a sua pergunta...).

Tal entendimento é fundamental, porém, não é o suficiente. Conhecer as ferramentas disponíveis pelo AVA, dominar os recursos que o ambiente proporciona, é muito importante para que o docente possa elaborar processos avaliativos inovadores, criativos, instigantes e colaborativos.

No sistema aberto Moodle existem inúmeras possibilidades de criação de atividades como as possibilitadas pelo Hot Potatoes³. Através deste software podem ser elaboradas atividades do tipo: i) preenchimento de lacunas; ii) palavras cruzadas; iii) de múltiplas escolhas, dentre outras.

O chat ou fórum é também uma outra ferramenta muito eficaz na interação professor – aluno e aluno-aluno. É preciso dinamizar e otimizar

3 Trata-se de um software livre de origem canadense que é utilizado em ambientes virtuais de aprendizagem.

esses mecanismos. Neles é possível sugerir atividades em grupos, por exemplo. A Wiki ou o glossário são outras dimensões avaliativas a serem lançadas mão nos processos de ensino e aprendizagem virtuais.

Saul (1988) e Hoffman (2001) apresentam considerações sobre a avaliação. Assim sugerem que a avaliação deve atender a algumas especificidades:

- a) ter um alto grau de cientificidade e não ser apenas um processo baseado na intuição;
- b) fornecer dados necessários a melhoria do ensino e da aprendizagem;
- c) incluir procedimentos e técnicas variadas;
- d) favorecer a integração entre os conteúdos;
- e) fornecer *feedback* para o professor;
- f) ser percebida como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

São elementos importantes a serem destacados: i) avaliação diagnóstica; ii) avaliação processual; iii) avaliação formativa; iv) utilização de diversas técnicas e instrumentos de avaliação, dentre eles a autoavaliação. Aqui, a preocupação com o desempenho do aluno e suas dificuldades, seus avanços, demonstra que se trata de uma proposta de avaliação voltada para a inclusão e para o acolhimento do sujeito. Uma proposta na qual existe uma inquietação com a construção do conhecimento e com os vieses que normalmente se irrompem nesse processo. Em tais condições o professor torna-se um orientador do aluno e a avaliação demonstra indicativos válidos tanto para o estudante, quando para o próprio professor, já que ambos poderão rever metodologias, práticas, recursos, posturas, enfim, o processo de ensino e aprendizagem como um todo.

Inacabamento

A avaliação na educação, quer seja presencial ou a distância não deve ser do tipo somativa, isto é, feita ao final do processo, onde o resultado esperado é aprovação ou reprovação, mas sim do tipo formativa, que acontece de forma processual e contínua, ao longo de todo o processo de ensino de cada disciplina, pois a função da avaliação formativa é ajudar o / aluno/a a aprender e o/a professor/a a ensinar. Para que

o/a docente possa atuar como um produtor do conhecimento na EaD é fundamental que o/professor/a conheça as tecnologias para saber utilizá-las nas atividades avaliativas.

Como sujeitos inacabados, tanto os professores quanto os alunos estão sempre aprendendo. Ao longo do processo os objetivos propostos para serem a aprendizagem precisam ser atingidos. Portanto o propósito fundamental da avaliação com caráter formativo é verificar se o discente está, progressivamente alcançando os objetivos previstos, expressos sobre a forma de conhecimentos, habilidades e atitudes. Mas, o que se percebe é que isso, às vezes, pode não acontecer, por diversos limites. Um deles é retratado pela falta de uma maior interação entre professores, alunos e tutores, essa tríade importante do modelo EAD desse trabalho.

Aluna Santa: Eu, particularmente, no curso que faço, sinto falta de uma interação um pouco maior com os professores, e até mesmo com o tutor. Um ambiente onde possamos trocar informações e/ou tirar dúvidas que fossem sanadas com maior agilidade seriam de grande importância.

Aluno Carlos: De um modo geral, a avaliação se define com o interesse e participação on-line, de estudante e professor perguntas e respostas em tempo menor.

Aluna Marta: Não vejo diferença com as avaliações de ensino presencial. Talvez seja um pouco mais complicado para resolver atividades em grupo, a interação entre alunos é bem diferente, ainda não conheço tod@s da turma do meu polo.

Aluno José: Para dizer a verdade não sei, é um processo sempre em construção, acho que estamos no caminho, pois escrevemos textos, interpretamos e tentamos entender o mundo, principalmente da educação. Mas gostaria de aproveitar o momento para expressar uma inquietude, às vezes depositamos muita confiança na tecnologia, mas já presenciei no meu AVA e ouvi depoimentos de outras colegas que me apontam para alguns erros da tecnologia, me senti um pouco prejudicada.

Professora Carla: Assim no retorno de uma avaliação online, deve-se deixar claro para o aluno, ou grupo de alunos avaliados quais foram os critérios utilizados para a atribuição de pontos ou conceitos. Disponibilizar previamente no AVA os critérios adotados estabelecendo-

se uma equivalência simples entre os acertos e os pontos ou conceitos obtidos. Em resumo, durante o processo de aprendizagem os formadores devem dar um retorno constante aos alunos, para que saibam o que foi aprendido e o que precisa ser melhorado, permitindo identificar seus avanços e suas dificuldades e possibilitando uma reorientação de seus caminhos de aprendizagem.

Como os sujeitos do processo ensino-aprendizagem são seres inacabados, como mostra Bakhtin (2003) e dependentes do outro para se completar, observa-se que tanto docentes quanto discentes apontam formas interessantes de como acreditam que a avaliação deveria acontecer na EAD.

Aluna Sandra: Como todo processo, atividades, interação com grupos on-line de estudo, e encontros quinzenais pela WEB tipo debates, ao vivo.

Aluno João: Vou ser mais claro, se não estou enganado foi o último episódio na disciplina, o professor passou dois questionários, no segundo ele nos deu duas tentativas, o problema é que eu só tive uma, no meu computador não apareceu a segunda tentativa e aí perdi 2,5 pontos, contudo outros colegas tiveram a segunda tentativa e ficaram com os pontos totais na atividade.

Professor Carlinhos: Diversificado, dinâmico, atrativo, interativo e processual, com utilização das ferramentas disponíveis no ambiente dos cursos.

Aluna César: Penso que deveria ser feito de maneira não apenas virtual. É verdade, que nos foi auxiliado criarmos grupos de estudos, seminários e etc. Porém, nos sentimos presos aos enormes textos que temos que ler e por termos que conciliar trabalho, casa e outras funções não temos tempo para dedicar nessas outras ferramentas que iriam se nos ajudar, e muito, mas sabendo que elas não estariam contando pontos (diretos) na nossa nota, não nos esforçamos muito para que aconteçam esses outros encontros.

Aluna Meire: De maneira qualitativa e com opção de realização de provas online para alunos que residem a mais de 150 Km do polo, ou a opção de fazer na FaE/UEMG em Belo Horizonte.

Professora Nathália: No processo de avaliação na EaD pode-se diversificar os recursos pedagógicos e usar diversas ferramentas

disponibilizadas no AVA para avaliações formativas do processo de aprendizagem. Exemplos: participação em fóruns de socialização e de conteúdo, participação de debates em sessões de bate-papo e produções textuais individuais e coletivas, criação de vídeos, podcast, entre outros. Acho importante possibilitar um instrumento de autoavaliação ao final de cada percurso formativo.

Aluna Silvana: Com menos produção de textos, mais diversidade de exercícios, mais atividades práticas e maior orientação do professor

Observa-se também que os/as estudantes manifestam a forma como gostariam de receber os resultados das atividades avaliativas e da prova durante percurso de graduação. E os professores, apontam como, intrinsecamente, a avaliação está atrelada aos objetivos e a uma construção social do/a estudante universitário.

Aluno Estevão: Nos trabalhos e atividades os tutores/professores devem explicar com detalhes o que erramos para tentar consertar e elogiar o que ficou bom para incentivar. As correções de prova foi uma lacuna que estava em dívida com os alunos, agora temos mais este recurso.

Professor Celso: Individualmente, como retorno a cada aluno, contendo considerações específicas de sua produção. Isso faz com que o aluno vislumbre com clareza as suas possibilidades de crescimento no processo de ensino e aprendizagem, identificando o que deve ser melhorado e reforçando as ações construídas.

Aluna Serafina: Só tem um professor que até o momentonos enviou uma correção de avaliação completa. A atitude de nos enviar o gabarito, além da correção, uma explicação do que era esperado agradou muitos dos estudantes do curso. E concordamos que deveria ser feito sempre assim.

Aluno Túlio: De maneira qualitativa, com comentários a respeito das atividades que não foram satisfatórias, com orientações para refazê-las.

Aluna Helena: Acho muito importante receber a correção das nossas atividades e das nossas avaliações e não apenas as notas. Dessa forma saberíamos onde erramos. O ideal seria receber a correção das atividades antes da prova e a correção da prova antes da recuperação.

Professora Carla: No meu entendimento todo procedimento didático dever ser discutido e apresentado no Projeto Político Pedagógico do curso. Na concepção sociointeracionista, considera-se o aluno como parte ativa do processo de ensino e aprendizagem. Assim no retorno de uma avaliação *online*, deve-se deixar claro para o aluno, ou grupo de alunos avaliados quais foram os critérios utilizados para a atribuição de pontos ou conceitos. Disponibilizar previamente no AVA os critérios adotados estabelecendo-se uma equivalência simples entre os acertos e os pontos ou conceitos obtidos. Em resumo, durante o processo de aprendizagem os formadores devem dar um retorno constante aos alunos, para que saibam o que foi aprendido e o que precisa ser melhorado, permitindo identificar seus avanços e suas dificuldades e possibilitando uma reorientação de seus caminhos de aprendizagem.

Percebe-se nos dizeres dos(as) alunos(as) um desejo de que as atividades sejam avaliadas e não simplesmente medidas. Não se detecta uma preocupação com a nota, mas com a avaliação em si. Também se nota uma estreita relação entre os resultados obtidos pelos alunos na aprendizagem e os procedimentos de ensino utilizados pelos docentes na EaD. O aproveitamento do(a) estudante reflete em grande parte a atuação didática do(a) professor(a). Ao avaliar o progresso de seus discentes os docentes podem obter informações relevantes sobre seus próprios trabalhos docentes.

Nesta perspectiva é preciso repensar as atividades de avaliação na EaD, no sentido de resgatar sua função diagnóstica, de investigar o processo de aprendizagem, os avanços, os limites e as dificuldades enfrentadas no processo. Assim a avaliação poderá ser “o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos”. (LUCKESI, 1995, p.43).

Sendo seres incompletos os sujeitos da aprendizagem, alunos(as), tutores(as), professore(as) estão sempre a caminho, em diálogo. Neste contexto, avaliação deve se dar enquanto mediação, significando encontro, abertura ao diálogo, interação. Sendo no dizer de Hoffmann (2005, p. 40) “uma trajetória de conhecimento percorrida num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram,

por vezes, e se cruzam por outras, mas seguem em frente, na mesma direção”.

Busca-se, portanto, a emancipação, a autonomia, o entendimento de que o erro é uma etapa necessária para se chegar a outro nível de conhecimento, mais elevado. Por isso a necessidade de se conhecer o aluno, suas limitações e conhecimentos prévios, seus anseios e desejos. Desta perspectiva decorre o uso de diferentes instrumentos e técnicas ao longo do processo, tendo o entendimento de que esses, por si só, não representam nada se não foram analisados seus resultados com o olhar reflexivo, inclusivo e acolhedor do professor.

4 Conclusões

Diante dos levantamentos realizados e dos apontamentos realizados pelos discentes e docentes do curso de EaD/FAE/UEMG/UAB, e contando com a corroboração dos teóricos que embasam este trabalho, é possível afirmar que ainda há um longo caminho a ser trilhado na busca por um processo de avaliação na EaD que leve em consideração as necessidades dos alunos: uma sistemática que não seja uma pura transposição didática dos processos avaliativos do ensino presencial; ainda mais que estudos demonstram a dificuldades existentes no sistema, digamos, usual de ensino e aprendizagem.

Observou-se pelos relatos que várias atividades de avaliação em EaD precisam ser otimizadas segundo avaliação dos discentes, porém apesar dos limites o processo avaliativo pode ser prazeroso e dialógico. Para isso é necessário que a formação dos/as professores/as seja constante no âmbito tecnológico e pedagógico.

Portanto, levar para uma plataforma virtual uma proposta de avaliação que já se encontra esgarçada em seu modelo original é, no mínimo, temerário. Os índices de descontentamento apresentados nos relatos nos indicam que é necessário rever os processos avaliativos na EaD. Ainda mais, diante das inúmeras possibilidades existentes. Faz necessário humanizar as máquinas, dar um rosto e uma voz às relações entre professores, alunos, conteúdos e processos avaliativos: pessoas e procedimentos que se encontram através da rede, mas que não ressoam

aos ouvidos, não sorriem ou choram, porém interagem e dialogam no dia a dia no ambiente virtual, sempre em processos de aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec: São Paulo, 1986.

BAHKTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira et al. São Paulo: Martins Fontes, 1992,1995.

BAHKTIN, M. *Uma teoria dos sujeitos da linguagem*. In: *Análise do Discurso: fundamentos e praticas*. BH: núcleo de análise do discurso / FALE-UFGM/CAPEs, 2001.

BAHKTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979, 2002, 2003)

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DEPRESBITERIS, Lea. *Avaliação da Aprendizagem como um ponto de partida para avaliação de programas*. Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, N.15, pp.55-80, Jan/jun, 1997.

ESTEBAN, Maria Teresa. *O que sabe quem erra?* Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A.2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não*. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GERALDI, J.W. *Alteridades: espaços e tempos de instabilidades*. In: L. Negri e R.P de Oliveira (Orgs). *Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

HERNANDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação. Os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOFFMAN, J. *Avaliar para promover: As setas do caminho*, Porto Alegre, 2001.

HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora. Uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação. 2003.

HOFFMANN, J. *Avaliação: Mito & desafio. Uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HALG-BAKED SOFTWARE INC. Hot-Potatoes. Disponível em: <<http://hotpot.uvic.ca/index.php>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo, Cortez, 1995.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

SACRISTAN, G. A avaliação no ensino. In SACRISTAN, G. e PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*, 2000.

SAUL, Ana Maria. *Avaliação emancipadora. Desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*. São Paulo: Cortez, 1998.

VASCONCELLOS, C. S. *Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora*. São Paulo: Libertad, 1998.

VASCONCELLOS, M. M. M. *Avaliação e ética*. Londrina: Ed. UEL, 2002.

ZABALA, A. *A prática educativa. Como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.